



RELICI
PARASITA E A LUTA DE CLASSES¹

PARASITE AND THE CLASS STRUGGLE

Frederico Daia Firmiano²

Joyce Perissinotto Nóbrega³

Lucas Francisco Maia de Lima⁴

RESUMO

Neste artigo buscamos examinar o modo como a obra fílmica *Parasita*, do diretor Bong Joon Ho, aborda a dinâmica da luta de classes. Para tanto, percorremos o tema a partir de três eixos: primeiro, o da configuração econômico-social da Coreia do Sul hoje; segundo, da crítica à desigualdade; terceiro, da constituição das formas de consciência de classe ou até mesmo de percepção de classe. Metodologicamente, privilegamos aspectos da análise textual, narratológica e icônica, apoiados pela crítica sociológica das dimensões constitutivas da sociedade burguesa e das formas da consciência.

Palavras-chave: *Parasita*, luta de classes, Coreia do Sul, desigualdade social, formas de consciência.

ABSTRACT

On this article we enquire how Bong Joon Ho's film work *Parasite* approaches the class struggle dynamics. Therefore, we go through three stages: first, the socio-economic configuration of South Korea nowadays; second, the inequality critics; third, the class consciousness settlement semblance, or even the perception of class. Methodologically, we privileged textual analysis, narratological, and iconic, settled by the sociological critics of the bourgeois society's constructive dimensions and the consciousness settlements.

¹ Recebido em 12/10/2020. Aprovado em 13/10/2020.

² Universidade do Estado de Minas Gerais. fredericodaia@hotmail.com

³ Universidade do Estado de Minas Gerais. perissinotto.nobrega@gmail.com

⁴ Universidade do Estado de Minas Gerais. lucasmaiadelima@hotmail.com



RELICI

Keywords: Parasite, class struggle, South Korea, social inequality, consciousness settlements.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo analisar o modo como o filme *Parasita* (기생충, romanização: Gisaengchung) interpela a dinâmica da luta de classes, na Seul da atualidade, marcada pela grande ascensão econômica da Coreia do Sul *pari passu* à reprodução de importantes estruturas de desigualdade social.

O longa-metragem do diretor Bong Joon Ho foi lançado em 2019 e já acumula, até o momento em que redigimos este artigo, um total de 33 prêmios, dentre eles o maior prêmio do Festival de Cinema de Cannes, a Palma de Ouro. Inicialmente, o filme conta a história dos Kim, uma família de trabalhadores pobres, que vive sob condições de vida bastante precárias na periferia de Seul e do sub-trabalho de montagem de caixas de pizza em domicílio, com ganhos ínfimos por produtividade - vale destacar, desde já, o signo do desemprego estrutural ou crônico mobilizado pela obra. O ponto de virada da narrativa acontece quando o primogênito dos Kim encontra uma oportunidade: trabalhar como tutor para os Park, família rica, de um influente empresário e sua esposa que, no melhor estilo burguês ocidental, preocupa-se em preencher o tempo livre dos filhos, contratando serviços dedicados à sua formação geral – via pela qual, o jovem da família Kim ingressa em seu cotidiano e enxerga uma possibilidade: empregar o conjunto de sua família, pai, mãe e irmã, na casa dos Park.

Bong Joon Ho, diretor da obra, afirma que “a questão básica deste filme é a polarização de classes”, em entrevista ao suporte eletrônico do Bloco de Esquerda,



RELICI

105

o site Esquerda.net⁵. Durante o filme, diversos signos, verbais e não verbais, são responsáveis por explicitar as diferenças sociais entre as famílias da trama: enquanto uma experimenta a condição daqueles que gozam de posição privilegiada na estrutura de classes, a outra sofre as agruras da labuta diária pela sobrevivência, submetendo-se às situações desumanizadoras da reprodução da existência.

Conforme indicado, a trama é ambientada em Seul, capital da Coreia do Sul, entre a periferia e um bairro nobre da grande metrópole, evidenciando o intenso contraste.

Imagem I – Bairro dos Park



FONTE: Filme Parasita, Bong Joon Ho, 2019

Imagem II – Bairro dos Park



FONTE: Filme Parasita, Bong Joon Ho, 2019

⁵ Bong Joon Ho: "A questão básica deste filme é a polarização de classes". Bloco de Esquerda. 10/02/2020. Disponível em: <<https://www.esquerda.net/content/bong-joon-ho-questao-basica-deste-filme-e-polarizacao-de-classes/63703>>. Acesso em: 01 maio 2020.



RELICI

Vale dizer que, hoje, a Coréia do Sul se constitui como uma das maiores economias do mundo, de acordo com o Banco Mundial, tendo experimentado a passagem de uma condição de *low-income*⁶ para um *high-income*⁷- para usar a terminologia do banco - em uma velocidade acelerada, alcançando a posição atual de líder mundial em inovação e tecnologia. Apesar disso, o país ainda conta com níveis significativos de desigualdade, sendo que seu coeficiente de Gini (escala usada para analisar a desigualdade de uma sociedade), de acordo com o *Better Life Index*⁸, da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) é de 0,35⁹, ou seja, a Coreia é um dos países membro com a maior desigualdade de renda, onde as classes mais altas chegam a ganhar mais de cinco vezes aquilo que é auferido pelas classes que se encontram na linha da pobreza, ainda segundo a OCDE¹⁰.

Buscando analisar o modo como a obra fílmica aborda a dinâmica da luta de classes, perscrutamos o problema com relação a três aspectos fundamentais: primeiro, o da configuração econômico-social da Coréia do Sul hoje e da estrutura de classes conformada no decurso de suas transformações recentes; segundo, da crítica à desigualdade e à dinâmica particular da luta de classes propriamente dita; terceiro, da constituição das formas de consciência de classe ou até mesmo de percepção de classe de uma com relação à outra.

⁶ Low-income são classificadas como economias com um GNI per capita de U\$1,035 ou menos (WORD BANK, 2020, tradução nossa).

⁷ High-income são economias com um GNI per capita de U\$12,536 ou mais (WORD BANK, 2020, tradução nossa).

⁸ Índice de melhor qualidade de vida (tradução nossa).

⁹ De acordo com essa escala, quanto mais perto de 0, maior a igualdade social, assim como, quanto mais perto de 1, maior a desigualdade social.

¹⁰ Better Life Index: Coreia. OCDE. Disponível em: <<http://www.oecdbetterlifeindex.org/pt/paises/korea-pt/>>. Acesso em: 04 maio 2020.



RELICI

BREVE NOTA METODOLÓGICA

Seguindo as indicações de Aumont e Marie (2009), não há um modo ou um método universal de análise fílmica. Isto não significa que um tal procedimento não deva ser rigoroso, mas que, aos analistas, cabem uma ou mais escolhas a se considerar, fundamentalmente, entre: (a) a análise textual; (b) análise narratológica; (c) a análise icônica; (d) a análise psicanalítica. Aqui, privilegiamos aspectos da análise textual, narratológica e icônica e, ao invés de buscarmos referência nos métodos psicanalíticos, apoiamo-nos numa crítica sociológica – que se revela na própria estrutura temática da análise, a saber, a dinâmica das classes em disputa, a crítica à desigualdade e o problema da consciência de classe.

Em nosso horizonte, a obra fílmica, como um modo de registro e interpretação da História, emerge como objeto por meio do qual alcançamos as contradições sociais. Ou, dito de outro modo, as contradições sociais do presente, de uma determinada formação social, situada no tempo e no espaço, são interpeladas pela crítica ao objeto que as analisa. Assim, encontramos-nos diante de um duplo movimento (e um duplo desafio): criticar a crítica representada pela obra fílmica, ao passo de sua análise e da análise de seu próprio objeto.

Em termos procedimentais, assistimos ao filme várias vezes, de modo a detalhar a percepção sobre a obra, focando em diferentes aspectos. O primeiro contato com o filme foi desinteressado, sem qualquer preocupação analítica – quando nos despertou o interesse pela análise, constituindo-se em objeto de reflexão sistemática. Então, assistimos ao filme novamente, agora com focos específicos: uma vez para analisar as questões abordadas na obra, outra analisando as relações que são estabelecidas durante a história e já com um foco maior no diálogo; mais uma vez com foco na construção visual do filme, ou seja, a fotografia, cores, ângulos, movimentos de câmera; outra mais analisando os diálogos e o discurso de cada classe. Além disso consultamos o roteiro do filme para poder



RELICI

estabelecer uma melhor análise da construção da narrativa e seus elementos textuais.

Nesta trajetória, mobilizamos o conceito de classe social, tal como adotado por Marx e Engels (2007; 2008), assim como seu método de análise da dinâmica contraditória da sociedade do capital. Sobre a reflexão acerca da formação da consciência, tomamos a proposta de Mauro Iasi, que desde a tradição marxista, propõe que a compreendamos como um processo, repleto de avanços e retrocessos, que combina complexamente o “necessário” e o “contingencial”, sempre com relação ao devir da classe da qual participa ou da qual escolheu participar (IASI, 1999). Ademais, consultamos bibliografia especializada para abordar o processo concreto de desenvolvimento econômico e social da Coréia do Sul. Desde modo, combinamos a análise histórico-dialética à análise fílmica.

COREIA DO SUL: DA COLONIZAÇÃO AO RÁPIDO (E DESIGUAL) CRESCIMENTO ECONÔMICO

A Coréia do Sul, país peninsular, foi durante muito tempo independente, mantendo relações apenas com outros países asiáticos. O receio de se relacionar com o ocidente era consequência das diversas relações dos países vizinhos terem um desfecho infeliz, afirma Ester Torres Simón (2013, p. 12). O primeiro contato veio a ser em 1882, com os EUA, que prometera ajuda militar à Coréia em troca da abertura comercial do país. Schnabel (1992, apud SIMÓN, 2013, p.14. Tradução nossa) diz que os americanos “não tinham a intenção de serem guardiões”, o que acarretou na invasão de tropas japonesas à península da Coréia, que se posicionaram estrategicamente e, posteriormente, vieram a ser decisivas para a vitória do Japão na guerra Sino-japonesa, a qual gerou o tratado que colocava a península coreana e Taiwan sob controle do mesmo.



RELICI

109

A ocupação japonesa na Coreia, ocorreu de 1905 a 1945 e teve três fases. A partir de 1905, o país era apenas protetorado do Japão, em seguida, em 1910 ele passou a ser considerado colônia japonesa - cuja primeira fase vai até 1919. A segunda fase, que durou até 1932, tem estopim em uma revolta social nacional, a qual levou o governo japonês a uma ocupação menos rigorosa, com objetivo de tentar conter a insatisfação popular. A terceira fase, que vai de 1932 a 1945, foi marcada pela forte exploração da mão de obra coreana na indústria bélica japonesa. A colonização foi muito violenta, privando os civis coreanos de liberdades básicas, forçando-os a utilizar a língua japonesa em detrimento da coreana, extinguindo universidades, levando milhares de mulheres a condição de *mulheres de conforto*¹¹, entre outros aspectos.

Nesse período, houve diversas greves, movimentos estudantis e boicotes contra o Japão, já que os únicos beneficiados com essa colonização foram o Japão e alguns apoiadores coreanos muito influentes, o resto da população foi empobrecida, econômica, social e culturalmente. Embora a Coreia trate a colonização como um período de terror ao país, estudiosos Japoneses já afirmaram que o país nunca teria crescido sem seu auxílio.

Em 1945, com o término da Segunda Guerra Mundial, o Japão foi obrigado a abrir mão da península coreana que, depois dos *acordos de Yalta*¹² foi dividida ao

¹¹ Nome dado às mulheres coreanas que foram forçadas a prostituição durante o período. Até hoje este é um assunto delicado aos Japoneses e Coreanos, já que o Japão nunca se desculpou formalmente e existem poucas dessas mulheres vivas, todas vivendo sob proteção do Estado coreano.

¹² Os acordos de Yalta resultaram de uma série de reuniões realizadas durante a Conferência de Yalta ou Conferência da Crimeia, entre os dias 4 e 11 de fevereiro de 1945, articulando o presidente americano Franklin Roosevelt, o premiê britânico Winston Churchill e o líder soviético Joseph Stálin, com objetivo de realizar um conjunto de convenções entre os Três Grandes para garantir o fim da Segunda Guerra Mundial. Neles estava inclusa a divisão da Alemanha, a ocupação da Coreia e a realização de eleições democráticas na Europa, dentre outros termos.



RELICI

110

largo do *paralelo 38*¹³. Com isto, a União Soviética passou a dispor de domínio sobre a parte norte da Coreia e os EUA sobre a parte Sul, ficando com a capital Seul. Essa divisão inicialmente não fora prevista pelos acordos, mas após uma nova ofensiva realizada pelos EUA, o país foi fracionado em 1948, de acordo com a ocupação idealizada em Yalta - os soviéticos ao norte do paralelo 38 e os americanos ao sul.

Após a colonização japonesa, a Coreia do Sul se encontrava em uma condição de grande miserabilidade e novamente colonizada. Além disso, o país possuía uma estrutura industrial débil, restando ali poucas fábricas deixadas pela ocupação – ao que se somava o fato de se constituir como um país majoritariamente agrário, deixando-o muito atrás dos países desenvolvidos, no que toca ao desenvolvimento das forças produtivas.

Agora com o país sob comando americano, inicia-se uma série de transformações, no sentido de inseri-lo no sistema global do capital. Tem lugar uma ampla reforma agrária, contando com apoio financeiro e técnico dos EUA. A Coreia apresentava “falta do capital humano de alto nível para dirigir as empresas, a insuficiência de capital físico, entre outros problemas” segundo Shin (1990, apud YOON & SOUZA, 2001, p. 323), o que tornou difícil para o país competir com outros países, como a China. Foi assim, com investimento e sob o jugo americano, que as primeiras indústrias de substituição de importação começam a se estabelecer. Esse tipo de indústria visava aumentar a produção interna do país em detrimento das suas importações. Logo, essa indústria se transformaria, constituindo-se como exportadora, e se beneficiando de uma força de trabalho superexplorada (TOUSSAINT, 2019).

¹³ O paralelo 38 é a linha imaginária a 38 graus ao norte da Linha do Equador. Essa demarcação imaginária divide o território coreano aproximadamente ao meio, sendo a fronteira entre Coreia do Sul e Coreia do Norte.



RELICI

A partir de 1961, o desenvolvimento coreano foi marcado pelas altas taxas de crescimento, seguido pela estabilização da economia do país na década de 1980. Neste período houve um aumento substancial na população coreana: cerca de 73% entre 1960 e 1990, o que foi um fator decisivo para a expansão econômica do país, já que implicou no aumento da mão de obra disponível. “[...] Percebe-se que o crescimento demográfico e a migração rural-urbana foram os principais fatores do aumento da oferta de mão-de-obra, contribuindo para a industrialização e o crescimento econômico da Coreia do Sul.” (YOON & SOUZA, 2001, p. 333). Com isso, Yoon & Souza (2001) afirmam que o país finalmente atingiu a condição de auto sustentação, não dependendo mais da ajuda dos EUA.

O desenvolvimento econômico da Coreia do Sul foi possível em razão de “uma acumulação primitiva brutal baseada em métodos extremamente coercivos que fabricaram a ‘virtude’ através da força” (J-P. Peemans apud TOUSSAINT, não paginado), ou seja, o capital encontrou uma fonte para sua expansão no país, o qual mantinha sob ‘mãos de ferro’.

Marcos Del Roio (ROIO, 2014) diz que o capital dá a falsa ideia de liberdade aos seus cidadãos, isto porque ele necessita de sujeitos livres e iguais para que o sistema da propriedade privada funcione, no entanto, os estudos acerca do crescimento da economia coreana mostram um crescimento baseado na forte repressão da massa trabalhadora através de políticas que os impossibilitava de se organizar em sindicatos e os negavam seus direitos. Desta forma, aumentando o excedente econômico por intermédio da superexploração destes. Isto, de decerto, é o outro lado da moeda do sistema do capital: quando não consegue garantir a expansão por vias democráticas, lança mão da força (MÉSZÁROS, 2009).

O regime ditatorial, que vigorou de 1945 a 1988, fora protegido pelos EUA, afirma Éric Toussaint, pois o país beneficiaria em caso de uma guerra (já que um governo autoritário e anticomunista seria seu aliado e não se alinharia com a



RELICI

ameaça vermelha). Deste modo, diversos massacres de camponeses foram apagados da história, como a própria Guerra da Coreia, na década de 1950, conhecida como *the forgotten war*¹⁴ (a guerra esquecida) pelos americanos ou, posteriormente, o *massacre de Gwangju*¹⁵, em 1980 (TOUSSAINT, 2019).

Com o plano Marshall em andamento e a Coreia fora das rotas estratégicas, os EUA não tinham tanto interesse no país, abrindo caminho para o avanço norte-coreano pelo paralelo 38. Com receio que a nova democracia sul-coreana fosse ameaçada pelo comunismo, os EUA passaram a disputar os exércitos coreanos com a URSS. O objetivo era levar os norte-coreanos a recuar sem chamar a atenção das outras nações para uma possível nova guerra mundial, deixando o conflito apenas na península coreana. Assim, em 1950, a Guerra das Coreias eclodiu, trazendo, em três anos, uma redução populacional, na Coreia, de cerca de 2 ou 3 milhões, de acordo com o departamento de defesa dos EUA (TOUSSAINT, 2019).

O conflito armado devastou todo o país e novamente a Coreia do Sul enfrentava uma instabilidade econômica e política. Segundo Bruce Cumings (2011), entre 100 e 200 mil pessoas foram mortas durante os primeiros meses da guerra da

¹⁴ “Para os americanos, a coreana é apenas uma dentre várias guerras que deveriam ser esquecidas, no entanto tem inquietantes maneiras de voltar a nos assombrar – como o Irã, ou a Guatemala” (CUMINGS, 2010, p. 63. Tradução Nossa). A guerra esquecida, segundo McCan e Strauss (2001, p. IX), é um ‘órfão histórico’, visto que os EUA a ‘esqueceram’ - ou pelo menos parecem não se lembrar, já que esta foi mais uma de suas guerras frias que destruíram todo um país, e até mesmo na própria Coreia, essa parte de sua história foi até muito recentemente censurada e cercada de tabus.

¹⁵ O massacre de Gwangju foi um levante coletivo na Coreia do Sul que marcou a história do país no que diz respeito a lutas sociais. A cidade já havia sido palco de uma manifestação com cerca de 250 mil pessoas, que fora fortemente reprimida pelo então governante Park Chung-Hee, mas ela tomou lugar na história após o acontecimento durou 10 dias e acarretou na morte de 193 manifestantes, sendo extremamente importante para o estabelecimento da democracia no país. Este, ainda passava por um governo militar, agora muito mais autoritário, com o general Chun Doo Hwan no poder. O mesmo foi responsável por declarar a lei marcial, que proibia movimentações populares em locais públicos sem autorização prévia. Os EUA acobertaram o massacre, já que os pró-democracia poderiam se alinhar aos seus inimigos em uma possível guerra. O que aconteceu em Gwangju é retratado em alguns filmes, como ‘A Taxi Driver’, que possui Song Kang-Ho que faz o Sr. Kim em Parasita, o filme disputou uma vaga no Oscar em 2018 e foi indicado a mais de 21 premiações.



RELICI

113

Coreia pela violência política, além disso, de 1945 a 1950, provavelmente foram mortos por volta de 200 mil sul coreanos além dos já citados. Tudo isso, sob os olhos norte-americanos. O pesquisador ainda afirma que um dos piores eventos deste período fora a execução de 7 mil prisioneiros em poucos dias, que eram colocados em covas, com os militares americanos vigiando, a CIA e a polícia da Coreia do Sul. Isso foi encoberto e a culpa foi colocada nos comunistas, constando até mesmo nos documentos oficiais que o massacre ocorrido na cidade de Taejon foi culpa do exército vermelho. Além disso, os chefes de estado americanos ocultaram os registros fotográficos do caso até 1990, quando a Coreia conseguiu que elas fossem divulgadas.

Após a guerra, o país carecia mais uma vez de mão de obra e a economia não conseguia se sustentar, dependendo vigorosamente do auxílio dos EUA. O país passaria por uma reconstrução, sob gestão do presidente Syngman Rhee e do Governo militar dos Estados Unidos na Coreia (USAMGIK), governo militar norte-americano instaurado na Coreia do Sul a partir de 1945, através do qual os EUA pretendiam comandar o país.

Os novos industriais prosperam devido às receitas dos impostos e, sobretudo, aos subsídios dos Estados Unidos, que a ditadura redistribuiu amplamente e não devido aos seus investimentos próprios, porque quase não tinham capital próprio. Além disso, uma política protecionista rigorosa coloca-os ao abrigo da concorrência estrangeira (TOUSSAINT, 2019, não paginado).

Um ano após o término da Segunda Guerra, o USAMGIK, comandado pelo sargento Hodge, instaura um governo civil tutelado, que ficaria a cargo de Syngman Rhee, um sul-coreano de direita que havia passado a maior parte de sua vida nos EUA. Este governo foi caracterizado por promover diversas reformas sociais e econômicas, que evidenciaram ainda mais o contraste entre as classes. Além disso, foi um período altamente autoritário, anti-comunista e extremamente impopular, com alta repressão do proletariado e intensa exploração da classe trabalhadora. As



RELICI

contradições, no entanto, não tardaram a se manifestar. O governo de Hodge e Rhee criou uma insatisfação pública que culminou em insurreições populares, que posteriormente veio a derrubar o governo em 1960 (ROBINSON, 2007, p. 108).

O plano governamental, aplicado de 1961 até 1990, possuía como principal medida a criação ou mudança de políticas fiscais, financeiras e cambiais de modo a impulsionar o rápido desenvolvimento das empresas (YON & SOUZA, 2001). E foi durante o governo do General Park Chung-Hee, entre os anos 1961 e 1979, o momento decisivo para a expansão industrial da Coreia do Sul, com o incentivo de atividades industriais no ramo da tecnologia, petróleo e automóveis (COSTA, 2015).

Neste período surgiram os potentes grupos empresariais da Coreia do Sul, conhecidos como *chaebols*, que começaram a concentrar cada vez mais renda e investimento em suas companhias, dominando diversos setores do mercado e, deste modo, tirando a oportunidade de pequenas e médias empresas.

Costa (2015) explica que os *Chaebols* são grandes conglomerados, formados por grandes empresas que são administradas tradicionalmente por famílias. Um único *chaebol* pode ter várias empresas subsidiárias, entretanto a administração é centralizada pela empresa principal que pertence a uma família. Alguns exemplos dos grandes grupos coreanos são a Samsung, LG, Hyundai.

O desenvolvimento sul-coreano, até 1961, para Souza e Yoon (2001, p. 325), teve como principais fatores a “existência de consenso por parte da população, disponibilidade abundante de capital humano, crescimento orientado para exportação, pragmatismo da política governamental e o estabelecimento de planos econômicos consistentes...”.

Contudo, o crescimento econômico do país se deu através de uma ditadura, marcada pela repressão e censura, logo, é difícil dizer que houve um consenso por parte da população. A classe trabalhadora foi diretamente afetada, já que o estado ditatorial os impediu terem uma representação por meio de sindicatos, além de se



RELICI

115

converter numa espécie de comitê dos interesses da burguesia. O ‘milagre do rio Han’ se deu, assim, por sobre as bases da superexploração da classe trabalhadora.

É inegável que todas essas medidas foram muito eficazes para o desenvolvimento econômico do país, que chegou a uma taxa de crescimento de 9% ao ano, por um período de 30 anos. Entretanto, certas medidas eram quase como uma faca de dois gumes, e em um certo momento, conduziu a formação de uma bolha, desencadeando a crise de 1997. “Favorecida pela rápida desregulamentação financeira, pela fragilidade no balanço de pagamentos e pelo fluxo de capital especulativo” (GUIMARÃES, 2010, p. 50), bancos estrangeiros e investidores começaram a retirar seus investimentos dos países asiáticos devido à percepção de fragilidade e conseqüentemente a moeda se desvalorizou. O país havia, pois, ingressado a mundialização do capital, na esteira do receituário neoliberal sob o comando do capital financeiro.

Em 1997, a crise que se alastrou pelo leste asiático afetou também a Coreia do Sul, que recentemente havia conquistado algum ganho salarial e melhoria das condições de vida e existência da classe trabalhadora. Com sua moeda extremamente desvalorizada por conta da crise, a Coreia foi forçada a adotar novas políticas neoliberais, mergulhando em recessão com uma queda de 7% do seu PIB (1998). Assim, os trabalhadores sofreram uma redução de 4,9% do salário mínimo e perderam muitos de seus direitos conquistados anteriormente, no seio de um processo de demissões em larga escala que, após 30 anos, fez o desemprego disparar. Para Guimarães (2010, p. 51):

Um componente central da crise de 1997 foi o processo de desregulamentação financeira [...] As conseqüências desse rápido processo de desregulamentação foram: de um lado, aumentaram-se os canais para a mobilização de recursos por parte dos investidores; de outro, reduziram-se os mecanismos de controle e regulação disponíveis para o governo



RELICI

Assim, ainda citando o autor, “a baixa transparência e os fortes problemas de regulação favoreceram a volatilidade e o potencial explosivo da crise” (2010, p. 53).

Para superar a crise e retomar a estabilidade na Coreia, o estado se dispôs de novas reformas e ações que tinham a necessidade de ser instauradas, sobretudo no que diz respeito às normas político-econômicas do país. A intervenção do governo na economia é uma estratégia econômica fundamental adotada quando a “mão invisível” (conceito de Adam Smith, que diz que, ao interagirem, a sociedade e as empresas são guiadas por uma “mão invisível” que as leva ao resultado de mercado desejado) não funciona. No caso, por conta do poder de mercado, ou seja, devido o monopólio de mercado dos chaebols. Interessante é notar que a “mão invisível” nunca funcionou e o capital sempre careceu da intervenção direta do Estado (MÉSZÁROS, 2009). O então presidente na época, Kim Dae Jung utilizou-se do apoio político da classe trabalhadora e de grupos populares para favorecer tais reformas, entretanto, algumas delas tinham medidas pesadas, dentre elas um grande número de demissões.

Reflexos dessas medidas durante todos esses anos ainda são vistos atualmente no país. Apesar da baixa taxa de desemprego, conseguir um bom trabalho é desafiador pois os requisitos das empresas são elevados e exigentes. Muitos destas vagas não apresentam nenhuma estabilidade e, além disso, há alta competitividade no mercado de trabalho. Competitividade esta que acaba sendo dominada por aqueles que conseguem se qualificar. Isto acaba refletindo negativamente sobre a desigualdade social, já que muitas famílias não têm condições de pagar estudos para seus filhos e então acabam sem muitas oportunidades de vencer o disputadíssimo mercado de trabalho. Numa economia inúmeras vezes devastada, numa história marcada pela colonização imperialista do capital norte-americano, o custo do sucesso econômico da Coreia do Sul parece ser



RELICI

117

a subjugação de massas crescentes de famílias de trabalhadores – como expresso pela marcante desigualdade exibida pelo filme de Bong Joon Ho.

A CRÍTICA DA DESIGUALDADE DE BONG JOON HO

O filme de Bong Joon Ho é pródigo em escancarar o problema da desigualdade social. A ambientação do filme já é, pois, uma introdução à questão social. Logo na primeira cena vemos uma janela ao nível da rua e, em um movimento vertical da câmera, somos apresentados aos primeiros personagens: os que vivem abaixo do nível da rua. Temos, ali, a construção da imagem dos “de baixo”, do “subterrâneo”, do “inferior”, se quisermos, uma metáfora bastante eloquente quanto à posição de determinados indivíduos na estrutura de classe. Como numa imagem da psique, ali está o oprimido, ou reprimido, que pode, a qualquer passo, irromper à superfície num flash. Ou, ainda, o perigo que vem do subterrâneo, frequentemente associado à história dos de baixo.

A fotografia, com forte presença da paleta verde-amarelada, transmite a sensação de ambiente envelhecido, sujo. Assim é o ambiente da casa da família Kim, quando a câmera se movimenta, ela já é colocada em um corredor apertado e basta se mover um pouco para termos a dimensão do pequeno ambiente, gasto, em péssimas condições. Nesta mesma ambientação ainda podemos ver a pouca comida, o problema da infestação de insetos, e a corrida do trabalho com ganho por produtividade para ganhar algum dinheiro, dobrando caixas de pizza. Significativo é o registro da falta de acesso à internet, num país cuja imagem externa, não raro, está associada ao alto desenvolvimento tecnológico, como vimos anteriormente.

O contraste é dado pela representação da família Park, que vive numa região alta, distante do subterrâneo da história; eles vivem acima – as escadarias e ladeiras para se chegar à casa representam o movimento (também registrado pela câmera) da ascensão. A fotografia agora conta com nova luminosidade e com uma



RELICI

118

paleta de cores vivas, tons límpidos, puros – o verde da natureza é vivo e o amarelo remonta ao clássico, à tradição. A mansão Park foi projetada por um fictício renomado arquiteto. A câmera faz ângulos abertos, passeia pelo amplo espaço, pelo design de interior planejado, próprio da arquitetura contemporânea que em nada se parece com a “máquina de morar” de *Le Corbusier*. Nas paredes, diplomas, certificados, notícias de revistas do sucesso do patriarca da família – em contraposição à singela medalha de prata da matriarca da família Kim e seu insucesso na tentativa de se tornar atleta.

Enquanto os Kim têm uma vista da rua, no mesmo nível, desde sua janela da cozinha – de onde se enxerga os amontoados de casas e a movimentada via pública e se escuta a poluição sonora vindo de carros e do lumpemproletariado (*lumpenproletariat*) sul-coreano, os Park contemplam uma área verde particular, calma, silenciosa, vista de sua janela panorâmica da sala de estar.

Imagem III – Vista da casa dos Park



FONTE: Filme Parasita, Bong Joon Ho, 2019

Imagem IV – Vista da casa dos Kim



FONTE: Filme Parasita, Bong Joon Ho, 2019



RELICI

119

Em meio a forte marcação cênica, fotográfica, da desigualdade social, talvez, o ponto alto do contraste esteja na parte final do final. Após uma forte chuva sobre o conjunto da cidade de Seul, enquanto a Sra. Park, em conversa à esmo ao telefone, enquanto circula de carro pela cidade, observa aquele como um dia de benção, seu motorista, Sr. Kim, lamenta os graves impactos da tempestade sobre a precária classe trabalhadora e seu bairro, para onde corre toda a sujeira e rastro de destruição causada pelo fenômeno da natureza.

Imagem V - Reação do Sr. Kim



FONTE: Filme Parasita, Bong Joon Ho, 2019

“YON-KYO (no telefone)

Você viu o céu hoje? Está limpo. Nenhuma poluição. A chuva limpou tudo. Claro que o acampamento deu errado por conta da chuva, mas ao invés disso nós teremos uma festa no jardim, yay!

Na verdade, era uma benção disfarçada.” (PARASITA, Bong Joon Ho, 2019, p. 117, tradução nossa)

Em momentos pontuais da obra, vemos o bem sucedido empresário, Sr. Park estabelecer uma divisão entre ele, sua família e seus funcionários no que tange ao relacionamento. Por diversas cenas temos o patrão afirmando que gosta de funcionários que respeitam um limite e não suporta quem passa dele. Durante o último ato do filme, Sr. Kim tenta tocar no assunto do relacionamento do seu chefe com a família, e então é repreendido:

“KI-TEK (CONT'D)



RELICI

120

O que você pode fazer, não é. Você os ama, certo??

Ki-Tek não esconde o sarcasmo e Dong-Ik percebe. A tensão aumenta entre eles.

DONG-IK

Sr. Kim, você está tecnicamente trabalhando hoje, não está?

KI-TEK

Sim, senhor.

DONG-IK

Então pense nisso como parte do trabalho." (PARASITA, Bong Joon Ho, 2019, p. 121, tradução nossa)

Apesar de retratados como ingênuos, sem muito conhecimento do social, temos um traço bem representado da burguesia: a de querer estar cada vez mais distante daquilo que acham inferior, seja este distanciamento físico, econômico ou social/relacional. Se o capital não auxilia com a criação de uma barreira, então cabe a própria classe que trabalha para ele criar suas próprias.

Outro ponto interessante a ser notado, ainda quando conhecemos o homem que vive no *bunker* dos Park é como ele se contenta e aceita a condição em que vive. Vemos um personagem que já não consegue esperar sobre uma vida no mundo lá fora, já que se voltar para a sociedade o risco de ter uma vida inferior a que já tem é muito real. Então, em uma conversa com Ki-Tek, ele pede para o então motorista dos Park deixá-lo viver escondido ali:

KI-TEK

Deus... Eu não acredito que você viveu aqui tanto tempo. Eu acho que você não teve escolha...

KUN-SAE

Muita gente vive no subsolo. Mais ainda se você considerar os apartamentos semi-subsolo!

Kun-Sae ri.

KI-TEK

Então, qual era seu plano? Você nem tinha um, não é?

KUN-SAE

(rindo)

Eu gosto daqui. Eu sinto quase como se tivesse crescido aqui.

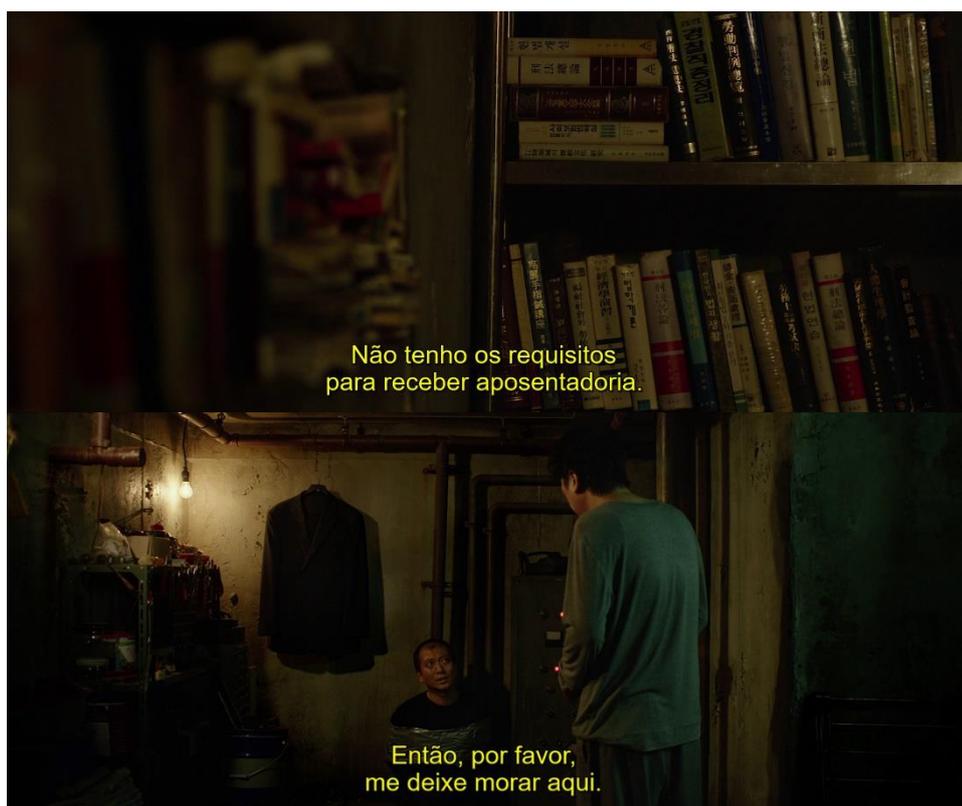
Esse pode ser meu endereço oficial também." (PARASITA, Bong Joon Ho, 2019, p. 95, tradução nossa)



RELICI

121

No filme, este diálogo se estende para além do que consta do roteiro. Vejamos.



FONTE: Filme Parasita, Bong Joon Ho, 2019

FORMAS DA (FALTA DE?) CONSCIÊNCIA DE CLASSE

A trama do cineasta sul-coreano se desenvolve quando o jovem filho da família Kim tem a chance de se empregar junto à família Park na qualidade de professor particular da filha do casal rico, vendo ali uma possibilidade de também empregar sua irmã e seus pais. A narrativa, no entanto, constitui-se por sobre a ideia de uma forte perspicácia dos Kim, em uma dupla investida: tanto sobre a própria família-alvo de sua astúcia – apresentada na trama com certo grau de ingenuidade que decorre da frívola experiência burguesa -, quanto sobre a família trabalhadora já



RELICI

122

empregada. Assim, seu esforço é simultâneo: ocupar os postos de trabalho existentes ao passo da destituição daqueles que já o ocupam.

Este duplo movimento remonta a, pelo menos, duas questões fundamentais. A primeira, ao suposto método arдил ao qual a classe trabalhadora recorre no empreendimento da realização de suas necessidades. A segunda, ao seu ímpeto egoísta, próprio do caráter concorrencial do mercado – no caso, o mercado de trabalho – na disputa da renda, do emprego. A ambos correspondem a perda de qualquer parâmetro ético na consecução dos meios necessário para se chegar aos fins, como na máxima “os fins justificam os meios”. Desta forma, a classe do trabalho se faz do mesmo modo que seu anverso, o capital.

De certa forma estamos diante de sujeitos de negócios, empreendedores, indivíduo-empresa, para recorrermos à expressão de Dardot e Laval (2017), que se movem racionalmente visando ao objetivo último: realizar seus interesses. Assim, “todos os problemas são solucionáveis dentro do espírito da gestão e da atitude gerencial; todos os trabalhadores devem olhar para sua função e seu compromisso com a empresa com os olhos do gestor” (DARDOT & LAVAL, 2017, p. 154). Seria este o espírito a mover a família Kim? Mas esta descrição não seria mais adequada aos Park?

Talvez aqui resida uma ironia do filme de Bong Joo Ho: na disputa do mercado, a luta de classes dá lugar ao espírito concorrencial e neste não há valores. Ao capital interessa a realização do lucro, não se importando quais os expedientes necessários para tanto (MÉSZÁROS, 2009). Porém, no contexto da precarização estrutural da classe do trabalho, do aviltamento de quaisquer condições dignas de existência, a subjetivação do modo de ser burguês, que em seu campo semântico se dá no terreno da desfaçatez, ocorre livre de qualquer polimento. Dito de outro modo, trata-se da caracterização de uma prática tipicamente burguesa (a concorrência, a



RELICI

123

disputa) pelos trabalhadores na sua forma pura – não como realização do ímpeto da conquista (do mercado), mas como a luta direta pela sobrevivência.

Imagem VI – Ingresso dos Kim na casa dos Park



FONTE: Filme Parasita, Bong Joon Ho, 2019

Então, qual consciência de classe daí resulta? Ou melhor: resulta daí uma consciência de classe, propriamente?

É preciso lembrar que as personagens compõem o universo da classe trabalhadora afetada pelo desemprego estrutural, integrando o enorme contingente de informais (ANTUNES, 2013). Assim, recorrem a qualquer possibilidade de atividade laboral remunerada para tentar conseguir um trabalho que os tire da situação de miserabilidade – lembremos que a atividade familiar de trabalho é a dobradura de embalagens de produtos alimentícios com ganho por produtividade. Não é demais lembrar que a forma de remuneração “por peça”, conforme chamou Marx (2013, p. 619-621), é uma variante da forma-salário, ou do salário por tempo, que mede o *quantum* produzido durante determinado período, ou o trabalho despendido pelo trabalhador relativo ao número de peças produzidas. É uma forma de controle sobre o trabalho que torna a supervisão externa supérflua, já que a qualidade e a intensidade do próprio trabalho são garantidas pelo próprio salário. O trabalhador é quem intensifica seu próprio trabalho e estende sua jornada, pois é por aí que pode aumentar seus ganhos. Mas, ao fazê-lo, está, ao mesmo tempo, criando



RELICI

124

valor para o capital sob a aparência de fazê-lo para si próprio (MARX, 2013, p. 623). Esta relação tende, pois, a um aumento progressivo da intensidade e da jornada de trabalho e da redução dos ganhos, convertendo-se em mecanismo de superexploração do trabalho.

Imagem VII - Negociação



FONTE: Filme Parasita, Bong Joon Ho, 2019

Se como afirmou Antunes (2013), a informalidade não é sinônimo direto de precariedade, no caso da família Kim, ambos os processos se combinam na conflagração de uma verdadeira desefetivação do conteúdo civilizador do trabalho. Muito embora o processo da consciência não seja uma emanção direta das condições objetivas de ser do sujeito, uma tal forma de existência, e de reprodução da existência, tende a produzir uma experiência subjetiva quase imediata da necessidade da sobrevivência – mais do que o despertar para os mecanismos da exploração que conformam a sociedade do capital. E se isto não suficiente para explicar o complexo movimento objetivo, quase estratégico, de investida da família Kim sobre os Park, por um lado, e sobre os trabalhadores já empregados, por outro lado, configura-se, pois, como dimensão de máxima relevância para sua compreensão.

A consciência é um algo observado (e observável) em todo indivíduo, embora em níveis diferentes. Para Marx, conforme explica Iasi (1999), trata-se de



RELICI

125

um processo em constante movimento de superação, isto é, para se passar para o próximo estágio de consciência, uma consciência mais desenvolvida, por assim dizer, é necessário enfrentar uma espécie de “batalha”, com objetivo de superar as contradições nela presentes. A consciência, assim, não é linear, mas está sempre sujeita a recuos e ultrapassagens, pois “a consciência se movimenta trazendo consigo elementos de fases superadas, retomando aparentemente, as formas que abandonou. Este processo é ao mesmo tempo múltiplo e uno” (IASI, 1999, p. 14).

Não há, assim, uma régua capaz de aferir seu grau, determinando sua precisão, em termos quantitativos. Mas desde um ponto de vista da luta de classes – dos mecanismos complexos e determinantes da relação-capital – é possível estabelecer o modo como o sujeito concebe as relações materiais, tratando no plano da consciência e intervindo politicamente – de modo deliberado ou não – na história.

O problema da tomada de consciência da classe trabalhadora sobre as contradições da forma de ser da relação-capital se expressa, em Marx (2013), na passagem da condição de classe em si a classe para si. Não nos cabe adentrar na complexa noção de classe e sua constituição, objetiva e subjetiva, sempre em movimento, como parte da totalidade do capital, tal como elaborou o filósofo alemão, mas apenas assinalar que, se a condição de existência da classe trabalhadora é uma importante determinação para seu posicionamento político perante as possibilidades de transformação radicais da sociedade, a passagem de um momento a outro, da percepção da exploração e da defesa (mesquinha) dos interesses particulares à consciência necessária para a ruptura social, é mediada por complexos processos sociais, econômicos, políticos, culturais, objetivos e subjetivos. Não é disto que Parasita trata: de nenhuma disposição para a ação revolucionária da classe. Mas da ausência de consciência – expressamente concebida pela astúcia da família Kim no seu relacionamento com os Park.



RELICI

126

Sua engenhosa confabulação e a arguta constituição dos personagens criados pela família dos trabalhadores sem trabalho e sem consciência, apenas se eleva ao estatuto de uma percepção da condição e da posição de classe, quando seu cheiro lhe denuncia.

DONG-IK

Acho que você não sabe. Eu sento atrás dele todo dia, então conheço o cheiro.

YON-KYO

Tipo cheiro de gente pobre?

DONG-IK

Não. Não é tão forte. É mais como um aroma sutil que fica no ambiente--

YON-KYO

Tipo cheiro de gente velha?

DONG-IK

Não, não. Como eu explico--

Talvez o cheiro de rabanete em conserva velho?

Ou aquele cheiro quando você lava um pano sujo?

[...]

DONG-IK

É difícil explicar. Eu sinto esse cheiro quando pego o metrô as vezes.

YON-KYO

Eu não uso o metrô há tempos.

DONG-IK

Os passageiros do metrô têm esse cheiro único-- (PARASITA, Bong Joon Ho, 2019, p. 101-102, tradução nossa)

É apenas neste ponto que o Sr. Kim tem um súbito reconhecimento de sua condição de classe, mas que em nada contribui para a elevação das condições da consciência, senão para a piora do sentimento previamente adquirido de um ódio de classe – que somente reitera a prática negadora da luta, em detrimento da astuta tática de buscar extrair do outro, do burguês, uma parcela da riqueza socialmente produzida e por ele apropriada de forma particular (evidentemente, sem qualquer consciência disso).

Durante a narrativa, as famílias Kim e Park constantemente se antagonizam, mas algo que muito chama a atenção, e faz parte do clímax da obra, é a competitividade entre o próprio proletariado. Na primeira tópica do filme, vemos as



RELICI

127

estratégias da família Kim para substituir cada trabalhador da casa dos Park, entretanto, o momento mais marcante da obra, seu *plot-twist*, é a descoberta do marido da ex-governanta no *bunker* secreto da casa.

“MUN-KWANG (CONT’D)

Kun-Sae!

*A luz do flash de Mun-Kwang finalmente encontra --
UMA PÁLIDA, SEVERAMENTE MAL NUTRIDA FACE. Esse é KUN-SAE,
45, marido de Mun-Kwang. Ele olha pra cima de sua cama estreita,
acordando com o som. Ele pisca seus grandes olhos.*

Chung-Sook parece horrorizada.

KUN-SAE

Pare de gritar. Eu estou bem...

*Mun-Kwang imediatamente coloca um MAMADEIRA na sua boca e começa
a alimentá-lo. Está cheia com algum tipo de mingau.*

MUN-KWANG

Não, não está. Você não está bem! (em prantos)

Por que você está no escuro? Por que você desligou as luzes?

KUN-SAE

Nós temos que poupar energia.

Vem tudo do bolso do Sr. Park.” (PARASITA, Bong Joon Ho, 2019, p. 75,
tradução nossa)

A personagem é um homem que perdeu o trabalho e é mantido escondido da família para a qual sua esposa trabalhava. Após ter deixado o emprego, ela volta à casa da família Park, a fim de cuidar do marido, há dias sem qualquer acesso às condições elementares da reprodução humana. O retrato deste homem é o da desefetivação das condições mesmas de humanidade do sujeito – indicando que o processo de humanização não é estático, assim como sua constituição histórica é passível de regressão. Empalidecido, acuado, em compasso de espera da supressão de carências básicas, o sujeito as realiza quase sem mediações. Igualmente, ao deixar o *bunker*, na última tópica do filme, reage violento, quase indistintamente, como extravasamento da experiência do cativo. O final não poderia ser mais trágico.

Mas cabe destacar a disputa quase literal pelo território do trabalho entre as famílias de trabalhadores. Após um importante embate entre elas, Gook Moon-



RELICI

128

gwang (a então governanta da casa) busca um acordo com a sra. Kim, que assumiu seu posto na casa dos Park, pedindo para que tivesse pena da sua condição e apelando para mesma condição de classe: “Us domestic workers, we’re sisters-” (nós trabalhadoras domésticas somos irmãs) (PARASITA, Bong Joon Ho, 2019. Tradução nossa). Todavia, a atual governanta, Sra. Kim, não consegue se reconhecer diante do espelho, em sua “irmã”.

“MUN-KWANG

Eu sei o que isso parece. Você deve achar que nós somos loucos. Mas, por favor Chung-Sook. Tenha piedade. Nós domésticas, nós somos irmãs--

CHUNG-SOOK

(surpresa)

Como raios você sabe meu nome?”

MUN-KWANG

Eu ainda converso as vezes por mensagem com o Da-Song. Eu vim porque eu sabia que a família estaria acampando. Queria falar com você sozinha.

Chung-Sook não conseguia acreditar no que ouvia. Surpresa se torna raiva.

[...]

MUN-KWANG

Ninguém na casa sabe sobre esse lugar além de mim.

CHUNG-SOOK

Você tem coragem. Agora eu sei também! E eu sei o que eu vou fazer!

Cung-Sook pega seu telefone.

CHUNG-SOOK (CONT'D)

Ligar pra merda da polícia!

Mun-Kwang cai em seus joelhos e começa a implorar.

MUN-KWANG

Não! Por favor irmã!

(soluça)

Nós estamos todos no mesmo barco, não estamos? Todos precisamos de uma ajudinha pra continuar.

CHUNG-SOOK

Eu não sou a merda da sua irmã, vadia. E eu não preciso da ajuda de ninguém.”

(PARASITA, Bong Joon Ho, 2019, p. 76-78, tradução nossa)

A falta de qualquer consciência de classe, aqui se manifesta sob a forma de uma barbarismo violento, cujo resultado não poderia ser outro: a eliminação física de uns e outros. É expressão radical da regressão do processo de humanização, contraditoriamente, dado pela atividade de trabalho, como constituidora do ser humano, do ser social (MARX, 2013). Sob as condições mais vis impostas à



RELICI

129

reprodução social pela relação-capital, ultrapassamos a soleira da alienação: ingressamos, pois, no avesso da civilidade.

AFINAL, QUEM É PARASITA? RUMO ÀS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cientificamente, parasitismo é uma das interações ecológicas interespecíficas entre organismos. Pode ser definido como uma relação íntima e duradoura em que uma das espécies, o parasito, usa a outra, o hospedeiro, como habitat, do qual obtém nutrientes e no qual se reproduz (GURGEL-GONÇALVES et al., 2007, p. 151).

Perguntado sobre quem são os parasitas em seu filme, Bong Joon Ho teria respondido: “para mim, os ricos e os pobres são ambos parasitas, mas os ricos são mais parasitas ainda, visto que não sabem dirigir, não sabem fazer nada e sugam os esforços dos pobres”¹⁶. Sua resposta nos impõe a questão se seria coerente exigir do filme uma posição certa sobre o lugar ocupado pelas classes na estrutura global do capital e sobre os mecanismos objetivos e subjetivos de exploração, que convertem a riqueza social e apropriação privada – caminho pelo qual não é difícil encontramos a definição de quem parasita quem na sociedade de classes do capital.

Ademais, se for verdade que Parasita guarda uma dimensão crítica importante da desigualdade social, da precarização do trabalho e até mesmo de aspectos da luta de classes contemporânea, seu horizonte em nada se inscreve na tradição da luta da classe trabalhadora pela constituição de uma sociedade substantivamente igualitária e humanamente compensadora.

Instalando-se nas franjas da crítica à ordem do capital – ainda que sem alcançar suas determinações últimas – Parasita contribui para desvelarmos os importantes mecanismos da desigualdade social e, muito mais que isso, de certas dimensões da luta de classes na contemporaneidade. O longa nos leva a refletir

¹⁶ O Oscar para Parasita: desigualdade e classes aos olhos de Hollywood. Portal Esquerda Diário. 10/02/2020. Disponível em: <https://www.esquerdadiario.com.br/O-Oscar-para-Parasita-desigualdade-e-classes-aos-olhos-de-Hollywood>. Acesso em 22 Set. 2020.



RELICI

130

mais sobre os descaminhos da consciência de classe que sobre os caminhos da emancipação humana. Isto porque as personagens acabam presas em estágios de consciência fortemente conectados à necessidade de sobrevivência – ou, se quisermos, sob o forte impacto da regressão da sociabilidade promovida pelo sistema do capital em sua fase de barbarização da vida social.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIABRASIL. **Um em cada 4 brasileiros não tem acesso à internet, mostra pesquisa.** Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-04/um-em-cada-quatro-brasileiros-nao-tem-acesso-internet>>. Acesso em 13 Set. 2020.

ANTUNES, Ricardo. A nova morfologia do trabalho e suas principais tendências: informalidade, infoproletariado, (i)materialidade e valor. In.: ANTUNES, Ricardo. (Org.) **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil II.** – São Paulo: Boitempo, 2013.

Bloco de Esquerda. **Bong Joon Ho:** "A questão básica deste filme é a polarização de classes". Lisboa, 10/02/2020. Disponível em: <<https://www.esquerda.net/content/bong-joon-ho-questao-basica-deste-filme-e-polarizacao-de-classes/63703>>. Acesso em 01 Mai. 2020.

CABLE UK. **Worldwide broadband speed league 2020.** Disponível em: <<https://www.cable.co.uk/broadband/speed/worldwide-speed-league/>>. Acesso em 06 de Set. de 2020.

COSTA, Camilla Rezende da. **A Importância Estratégica dos Chaebols no Desenvolvimento da Coreia do Sul.** Disponível em: <<http://siaibib01.univali.br/pdf/Camilla%20Rezende%20da%20Costa.pdf>>. Acesso em 08 Ago. 2020.

CUMINGS, Bruce. **The Korean War.** Modern Library: New York, 2010.

DEL ROIO, Marcos (org.). **Marx e a dialética da sociedade civil.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

GUIMARÃES, Alexandre Queiroz. **Estado e economia na Coreia do Sul - do**



RELICI

131

Estado desenvolvimentista à crise asiática e à recuperação posterior. Rev. Econ. Polit., São Paulo, v. 30, n. 1, p. 45-62, Mar. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31572010000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 12 Abr. 2020.

GURGEL-GONÇALVES, Rodrigo; CASTRO E MINUZZI-SOUZA, Thaís Tâmara; MEDEIROS COSTA-NETO, Eraldo; CUBA, César Augusto O que é um parasito? Uma análise etimológica e semântica do termo parasito em diferentes idiomas. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, vol. 29, núm. 2, 2007, pp. 151-161. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307324794007>. Acesso em 22 Set. 2020.

IASI, Mauro Luis. **Processo de Consciência**. São Paulo: CPV, 1999.

KOREAIN. **18 de Maio**: o Massacre de Gwangju e o Movimento Democrático Coreano. Disponível em: < <https://revistakoreain.com.br/2016/05/18-de-maio-o-massacre-de-gwangju-e-o-movimento-democratico-coreano//>>. Acesso em 26 Set. 020.

MARX, Karl. O capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital. [tradução: Rubens Enderle]. São Paulo: Boitempo, 2013.

MÉSZÁROS, István. Para além do capital: rumo a uma teoria da transição. [tradução: Paulo Cesar Castanheira; Sérgio Lessa]. 3ª reimpressão. – São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

MARTINS, Charles. **A ocupação da Coreia pelo Japão**. Disponível em: < <https://cinepop.com.br/critica-a-taxi-driver-o-poder-da-informacao-para-as-verdades-do-mundo-156588/#:~:text=Dirigido%20pelo%20sul%20coreano%20Hun,dentro%20de%20um%20regime%20ditatorial>>. Acesso em 05 Set. 2020.

MASSACHUSETTS SCHOOL OF LAW AT ANDOVER. **The Korean War: A History Part 2** - Bruce Cumings. 2011. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=6KCBH2QVLok>>. Acesso em 25 Set. 2020.

MCCANN, David R. STRAUSS, Barry S. **War and democracy**: a comparative study of the Korean War and the Peloponnesian War. New York: M. E. Sharpe, Inc, 2001.



RELICI

132

OCDE. **Better Life Index:** Coreia. Disponível em: <<http://www.oecdbetterlifeindex.org/pt/paises/korea-pt/>>. Acesso em 04 Mai. 2020.

ORTIZ, F. S. G. **Sobre o processo de formação da consciência:** limites e potencialidades para a afirmação de projetos coletivos. Rev. Em Pauta, Rio de Janeiro, v. 10, n. 29, p. 17-34, 1º Semestre de 2012. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/3879>>. Acesso em 15 Ago. 2020.

PARASITA. Direção: Bong Joon-Ho. Coreia do Sul: Pandora Filmes, 2019. 1 Blu-Ray.

ROBINSON, Michael E. **Korea's Twentieth-century Odyssey.** University of Hawaii Press: Honolulu, 2007.

SIMÓN, Ester Torres. **Translation and post-bellum image building:** Korean translation into the US after the Korean War. Tese doutorado - Universitat Rovira I Virgili. Tarragona, 2013. Disponível em: <https://www.tdx.cat/bitstream/handle/10803/145864/EsterTorresSimon_Tesis_TDX.pdf?sequence=1>. Acesso em 05 Ago. 2020.

STATISTA. **Internet usage in South Korea: Statistics & Facts.** Disponível em: <<https://www.statista.com/topics/2230/internet-usage-in-south-korea/>>. Acesso em 06 de Set. de 2020.

TOUSSAINT, Eric. **Coreia do Sul e o milagre desvendado.** CADTM Internacional, Julho de 2019. Disponível em: <<http://www.cadtm.org/Coreia-do-Sul-e-o-milagre-desvendado>>. Acesso em 12 Abr. 2020.

VASCONCELLOS, Carlos-Magno Esteves; MANSANI, Roberta de Souza. **As conferências internacionais de Yalta e Potsdam e sua contribuição à construção da hegemonia econômica internacional norte americana no capitalismo do pós 2ª Guerra Mundial.** Relações Internacionais no Mundo Atual, [S.l.], v. 2, n. 16, p. 41-55, dez. 2013. ISSN 2316-2880. Disponível em: <<http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/RIMA/article/view/731>>. Acesso em 15 Mai. 2020.

WORLD BANK. **World Bank Country and Lending Groups.** Disponível em: <<https://datahelpdesk.worldbank.org/knowledgebase/articles/906519-world-bank->



RELICI

133

[country-and-lending-groups#:~:text=For%20the%20current%202021%20fiscal,those%20with%20a%20GNI%20per](#)>. Acesso em 15 Mai 2020.

YOON, Taek Dong; SOUZA, Nali de Jesus de. **Uma Análise Empírica Sobre os Fatores do Desenvolvimento Econômico da Coréia do Sul: 1961-1990.** Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ee/article/view/117743>>. Acesso em 12 Abr. 2020.